

Raquel Cristina Ribeiro Pedroso¹

RESUMO

A “imagem”, elemento principal para a leitura dos contos “A terceira margem do rio” e “O espelho”, ambos de Guimarães Rosa; e, “O espelho” de Machado de Assis, chega-nos como marco no processo de *autoconhecimento*. A figura do menino que percebe a partida do pai para a “terceira margem” vincula-se à visão aterradora do sujeito narrativo, onde o trânsito entre essência e aparência é um *experimento* por meio de um jogo de espelhos; e o desvelamento de Jacobina pela visão de seu reflexo nos fazem buscar um resgate pelo “eu” escondido em meio a tantas *máscaras* sociais. Ao aceitarmos a proposição do personagem de Machado de Assis, que afirma a existência de *duas almas* – uma interior e outra exterior, é-nos necessário pactuar com uma dualidade de leitura entre o que é exposto e visível pelo reflexo da imagem no espelho e, o que fica recolhido, agindo na dualidade da configuração do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem; Narrativas do *eu*; Entre-lugar; Trânsito

ABSTRACT

The “image”, main element of reading for the stories “The third side of the river and “The Mirror” both of Guimarães Rosa; and, “The Mirror” by Machado de Assis, comes to us as a milestone in the process of self-knowledge. The figure of the boy realizes that the departure of the father to the third side; the terrifying vision of the narrative subject where the traffic between the essence and appearance is a experience; and the unveiling of the Jacobina sight of his reflection, makes us seek a bailout by “me” hidden in many social masks. Appropriating the proposition character of Machado de Assis, who confirms the existence of two souls – one inside and one outside. It’s necessary for us reading a duality between what is exposed and visible by the reflection of the image in the mirror, which is taken, acting in the duality of the subject configuration.

KEYWORDS: Image; Narratives of myself; Between-place; Traffic

¹ Mestranda em Letras Literatura e Vida Social pela Universidade Estadual Paulista – PPGL – UNESP/Assis-SP – FAPESP.

Para quem se olha no espelho de um rio
Na volta pras casas num final de lida
Enxerga sua alma com olhos de espera
Além de uma imagem no rio refletida [...]

Rosa escreve com a força da imaginação – um aprofundamento do Ser em que o sentido humano aparece misteriosamente insondável. Sua poética, que de tão imbricada à pena Roseana, pode ser chamada de única, leva-nos à contemplação do “eu” retorcido pelas tantas debilidades a que nos sujeita à sociedade de qualquer tempo e espaço. O jogo de imagens apresentadas ao leitor por uma terceira margem é de singular sensibilidade, e prova-nos que a essência humana está nos símbolos poéticos destinados ao deleite de apreciadoras leituras. O olhar de instigante agudeza de Machado de Assis alcança a mais astuta minúcia social, a cada leitura a convicção de ver a denúncia nas letras de jornais oitocentistas de mazelas sociais disfarçadas em teorias da alma humana. A análise dos três contos dantes mencionados, realizada por este artigo, busca perceber o quanto do essencial da alma humana é debatido pela sociedade. O invisível aos olhos é componente de exímia grandeza na configuração do Ser enquanto sujeito social.

1. A superfície plácida das águas

Quebrou-se o espelho na sede do baio
Desfez-se a paisagem costeira do rio
Ficou refletida na água em remansos
Saudades disformes do que antes se viu
[...]

O conto “A terceira margem do rio” faz parte do livro de contos Primeiras Estórias (1962) de João Guimarães Rosa. As vinte e uma *estórias* são narrativas que

buscam tematizar, ainda que simbolicamente, os segredos da alma humana. Ao iniciarmos a leitura, encontramos uma família localizada em uma fazenda próxima a um rio, vivendo a angústia de ver o pai pegar uma canoa e ir-se para o longe.

A narrativa chega-nos pela voz de um menino, um dos filhos, que conta o passado a respeito do pai e de si mesmo a partir de suas memórias, ligando-o ao presente – Um contínuo lembrar e reviver a experiência infantil. *Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto.* Com o passar das linhas a imagem do pai em um silêncio inquietante diante de questionamentos da esposa e dos filhos é marcado pelo olhar do menino, *Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação.* A ausência do pai já é sentida muito antes de sua ação, a família percebe no silêncio a denúncia de seu plano. Os personagens do conto – o filho, o pai, a mãe, o irmão, a irmã, o tio (irmão da mãe), o mestre, o padre, os dois soldados e os jornalistas asseguram uma noção de coletividade acentuada, todos estavam envolvidos com o que se passava ao pai e, diretamente, à família. Porém, o sujeito narrativo é individual – narração de um filho (um dos filhos) sobre o pai dele. Dualidades frequentemente representadas no centro dos acontecimentos fazem-nos perceber a maneira pela qual uma história coletiva pode contribuir para um relato objetivo e consensual. Há uma ideia de que haveria um “acordo familiar” a respeito da reação de estranhamento diante da atitude do pai, logo, dá-se a um dos filhos o “poder” de falar no nome de todos. Além disso, relações entre os personagens e os acontecimentos extrapolam os limites da normalidade o que nos assegura a presença de atitudes pouco comuns, como o ímpeto da transgressão das regras sociais e atuação em acontecimentos não habituais. *Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais.*

Há sempre uma determinação, uma vontade, uma calma da parte do personagem, que parece conhecer e dominar a situação. Como se soubesse o que está fazendo, em oposição à perspectiva de dúvida e perplexidade que é do narrador e do leitor ignorantes, não viventes dos fatos. A tarefa do narrador é traduzir o silêncio do pai, pois pela negação da fala paterna há um desaparecimento de qualquer possibilidade de vínculos históricos. Tal fato permite supor que a tênue ligação entre pai e filho, bem como um pensamento conservador frente à modernidade, terá o seu fim diante da morte do filho. O narrador busca com esforço a possibilidade de doar sentido entre as *duas margens* apesar de todas as tentativas manterem-se frustradas. Portanto, tem-se dois lados separados e excludentes que, por tamanha negatividade, mostram-se capazes de transformar tal essência em positividade e de culminar na formação de uma terceira margem. Oliver (2001) afirma que quase toda palavra no conto assume direções e sentidos, tem uma dinâmica espiritual, filosófica, disfarçada. Tem de ser tomada por um ângulo poético, anti-racionalista e antirrealista.

O tempo dos acontecimentos é marcado pela memória do narrador. Ao longo do conto há uma evolução cronológica desde o dia em que o pai pega sua canoa e deixa a família. O filho ainda pequeno participa dos acontecimentos e ao final do conto sabemos que toda a sua vida se passou à beira e à espera do pai. *Meu pai, eu podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos.* Na velhice do pai e, conseqüentemente, na do filho, o rio transforma-se no *não-lugar*. Uma forma de utopia impetuosa onde no lugar desse *não-lugar* encontramos um tempo de *não-tempo*. A vida humana finita cruza-se com o eterno, uma dualidade entre o histórico de limite e um universalismo retratado pela figura plácida do rio. *Sei que agora é tarde, e temo abreviar coma vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio.* O rio do tempo é a continuidade – o homem individual e descontinuamente temporal.

Por um constante *curso – percurso – discurso*, o homem (pai e filho) se aproxima da essência humana com uma constante integração à natureza, o fluxo da água permeia os pensamentos mais íntimos na tentativa de conciliar dois opostos – a memória de um passado distante e o reflexo da atual realidade. Ricoeur (2012) entende o processo de orientação da memória na passagem do tempo como uma orientação de mão dupla, do passado para o futuro, de trás para frente, por assim dizer, segundo a flecha do tempo da mudança, mas também do futuro para o passado, segundo movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, pelo presente vivo. Temos a narrativa como ponto articulador entre o passado e o presente, uma forma de integrar saberes diversos que muito pode dizer sobre o tempo que se foi e o tempo que virá imbricado no presente. Assim, pode-se estabelecer uma relação entre o novo e o antigo. O narrador transforma sua própria experiência em experiência dos que o consultam.

No conto temos um pai, um homem comum de quem são retiradas as condições de pai e de homem até que o que resta é a solidão, em uma canoa – na terceira margem – o pai se encontra em sua profunda contemplatividade.

Nenhuma imagem poderia ser mais impressionante e sintetizadora dos mistérios e segredos de uma alma do que um ser suspenso na terceira margem de um rio. O rio calado e fundo em suas águas é uma aventura do inconsciente que se move na noite de uma alma sob um tema vertical, através do qual o ser mais disperso, mais desunido, conquista a unidade. (BUHLER, 2006, p. 62)

Este rio *calado e fundo*, abrigo de um ser que não pode se colocar a salvo dele, ou acima, ou abaixo, pois estaria se colocando além da própria morte, reflete, como um espelho, o mundo das ideias e o mundo das coisas. Quando o filho chega até a margem em busca da imagem do pai, percebe sua própria imagem refletida na

superfície das águas e uma oposição entre os rasos do mundo e a profundidade dos rios. O que pode ser esse rio do qual se diz que há uma terceira margem? Para Hanciau (2010), a terceira margem consiste num caminho do meio, um procedimento de deslocamento.

O personagem está situado na *vagação*, em constante deriva alienando-se da rotina de sua vida, onde o mundo se apresenta com uma provocação a ele. Trata-se de um papel ativo na compreensão do conhecimento do mundo – um homem rio à margem de um rio. Há muito tempo já se considera a água que banha os rios como a mais bela representação de um espelho. Pode-se supor que a água seja o primeiro símbolo para a concepção de tal objeto.

Na sequência de contos das *Primeiras Estórias* (1962) Guimarães Rosa apresenta-nos “O espelho” – e um narrador envolto por uma multiplicidade de imagens aterrorizantes e mortificantes, que, chegam ao leitor como um processo de experimento. *Se quer segui-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições*. O leitor é convidado a um universo de indagações sobre a existência – ou não existência – de um mistério situado entre o olhar do *eu*, de fora do espelho, e a visão recebida pela imagem refletida – *reporto-me ao transcendente*. O sujeito narrativo deseja conhecer sua alma interna e o faz pela linguagem. Por meio da narração entende e reflete o significado de ser “Humano”. Contudo, a apresentação de temas de valor *experimental* não o leva até a *verdade* – *há máscaras que se moldam ao rosto*.

Os personagens do conto não são nomeados, o experimento chega até o leitor por um aparente diálogo entre dois senhores onde, um narra ao outro algo ocorrido há um tempo indeterminado.

E onde situar o nível e ponto dessa honestidade ou fidedignidade? Como é que o senhor, eu, os restantes próximos, somos, no visível? O senhor dirá: as fotografias o comprovam. Respondo que, além de prevalecerem de máquinas e objeções análogas, seus resultados apoiam antes que desmentem a minha tese, tanto revelam superporem-se aos dados equinográficos os índices do mistério. (ROSA, 2001, p. 120)

O trânsito entre *espelho – fotografia – máscaras* relaciona o que poderia comprovar a evolução da humanidade, a constante relação entre essência e aparência possibilita a construção da identidade do homem enquanto sujeito social. O espelho é algo a ser temido. Pode-se morrer ao ver-se verdadeiramente refletido no espelho, *sim são para se ter medos, os espelhos*. Logo, o corpo imperfeito refletido em um espelho sem continuidade reflete o *entre-lugar* do *eu* marcado pelo *não lugar* no mundo. *Veja que começa a descontar um pouco de sua inicial desconfiança, quanto ao meu são juízo*. A certa altura da narrativa o sujeito, que conta o acontecido, volta ao que seria a história do conto, – ainda moço, num lavatório de edifício público viu dois espelhos. *Um de parede, o outro de porta lateral, aberta em ângulo propício*. Sentiu-se tomado por uma “revelação”. Viu um perfil humano, uma figura, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Sua reação foi de náusea, ódio, susto, eriçamento. Logo descobriu ser ele mesmo refletido no espelho, porém na imagem de uma onça. *Necessitava eu de transverberar o embuço, atravissagem daquela máscara, a fito de devassar o núcleo dessa nebulosa – a minha vera forma*. O que viu foi sua alma profunda onde a máscara – disfarce do rosto externo, seria automaticamente retirada.

Após grandes progressos o personagem aprende a não ver no espelho os traços que nele recordavam um felino. E a realizar um jogo de olhar como o espelho, não o arquétipo, mas aquele que toma posse pela visão que tem no *olhar* do outro. Após o comum correr cotidiano, o narrador já não mais via sua imagem refletida – *me olhei no espelho e não me vi*. Não via mais nada, sentia-se sem formas e sem

evidências físicas. O constante trânsito entre o que seria ele, e a imagem refletida, foi se tornando novamente o único elemento. Após alguns anos, via um início de imagem, uma luz que dele se emitia e detia-se acolá, refletida. *Viu a si mesmo de novo, com rosto. O rosto de um menino*. O conto é finalizado com um pedido de opinião ao leitor a respeito de tudo o que foi dito. Logo, o trânsito de identidades é retomado com a pergunta: “*Você chegou a existir?*”.

O espelho, *símbolo do processo de simbolização* figura entre as predileções dos poetas que, segundo Villaça (2013) não o dispensam para uma boa figuração de um olhar, que se olha ser olhado. Como a figura mitológica do jovem Narciso – atraído pela própria imagem refletida na água, encantado com tamanha beleza e morto ao tentar ir ao encontro daquilo que tanto admirava: ele mesmo.

2. Um artefato especular com ares de aristocracia

A água não leva por mais que ela queira
Os sonhos tão simples que espelham-se ali
Mas leva pra sempre o que fora moço
Nas tantas enchentes que faz por aqui [...]

O conto “O espelho” publicado por Machado de Assis pertence aos escritos de *Papéis Avulsos* (1882), e se inicia com uma discussão de *quatro ou cinco cavalheiros* entre quarenta ou cinquenta anos, em uma sala no morro de Santa Tereza. Em *uma atmosfera límpida e sossegada* os homens discutiam amigavelmente coisas de *alta transcendência*. Dentre os cinco, Jacobina – personagem o qual o conto irá se ocupar, mantém-se pensativo até ser questionado sobre sua abstenção na discussão. *Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma*

polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial. Por sentir-se interrogado Jacobina pede para contar um caso de sua vida, com a ressalva de que a matéria a ser tratada será sobre a existência de não só uma alma, mas duas. *Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro.* Nesta altura do conto o protagonista assume o controle da narração e, contradizendo o subtítulo *esboço de uma nova teoria da alma humana*, fala de *um caso de minha vida*. Se o leitor percebe os acontecimentos, é indiscutível a não existência de um *esboço* muito menos de uma *teoria*.

A presença do narrador – ora em terceira pessoa para iniciar o *causo*, ora embutida no protagonista para desenvolver sua própria narrativa, mostra-nos um contraponto de ideias – tanto o *de fora* e o *de dentro* como experiência particular. Portanto, há uma sutil divisão entre o narrador que constata e envolve os personagens para a observação da fala de Jacobina e o narrador que, já na voz do protagonista (chamamos de primeira pessoa), propõe demonstrar a máxima de suas experiências, anunciando que será importante para os amigos entender a existência das duas almas. Jacobina então explica que *a alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. [...] o ofício dessa alma é transmitir a vida, como a primeira*. Apresentando a tese da duplicidade das almas, Jacobina transmite ao leitor um importante atributo – *o olhar*. Porém neste olhar não figura apenas a possibilidade de contemplação, mas a dupla natureza existente entre a alma interior e a alma exterior. Como afirma Villaça (2013), é possível perscrutar o mundo, e instituindo-se como circunspecto sujeito, pode-se ver-se a si mesmo a partir do mundano. Jacobina trata rigorosamente da alma exterior na sequência narrativa.

Durante a juventude o protagonista foi nomeado alferes da guarda nacional. De origem pobre, foi aclamado por parentes, amigos e, mais tarde pela tia D. Marcolina como o *senhor alferes*. *Tive muitas pessoas que ficam satisfeitas com a nomeação;*

e a prova é que todo fardamento me foi dado por amigos. D. Marcolina, ao saber de sua nova condição desejou vê-lo e pediu que fosse até sua casa, um sítio *escuso e solitário*, e que levasse consigo a farda. O tratamento dado a Jacobina pela tia e pelo cunhado dela na frente dos escravos era *senhor alferes*. A familiaridade foi posta de lado e a patente de alferes falou mais alto. Tal fato ilustra “um processo pelo qual o sujeito toma consciência de sua identidade: reconhece-a, concretamente, como a identificação que o outro lhe atribui” (VILLAÇA, 2013, p. 109).

A farda refletia quem o olhava e Jacobina via-se nesse olhar. Já nos aposentos, tia Marcolina mandou colocar um espelho em seu quarto. Um espelho muito velho, no qual era possível ver-se ainda o ouro. *Obra rica e magnífica que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples.* Uma peça de origem aristocrática posta em um ambiente modesto de casa de sítio. O espelho chegou com a corte de D. João VI e fora comprado de uma das fidalgas vindas em 1808. *Era esculpido nos ângulos superiores da moldura, naturalmente ainda muito velho mas, via-se-lhe ainda o ouro uns enfeites de madre pérola e outros caprichos do artista.*

Compreende-se que a lembrança é uma imagem construída, em várias passagens do conto há um trânsito de memórias. Jacobina, ao mesmo tempo em que relata as imagens de seus 25 anos, dialoga com seus companheiros de discussão. Um constante retorno de imagens do passado contribuindo para a construção do presente. Pode-se conjecturar o processo de configuração da subjetividade dos personagens a partir das lembranças.

O alferes encontra-se sozinho no sítio depois de uma súbita viagem de tia Marcolina. Sentiu sua alma exterior reduzida por estar sozinho na companhia de escravos, *confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de cárcere, [...]. Era a alma exterior que se reduzia.* Jacobina sentiu-se tomado por uma solidão de grandes proporções, até os escravos fugiram e o retorno

de tia Marcolina fazia-se demorado. As horas não passavam, sentia-se inexplicavelmente amedrontado mesmo pela *mais silenciosa das noites*. Seu alívio vinha do sono, pois seria onde sua alma interior poderia substituir a necessidade da alma exterior. *Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes*. A necessidade que Jacobina sentia do olhar do outro, da luz de fora, tornou-se uma questão de vida ou de morte. A farda era responsável por fundir a exterioridade à interioridade. Villaça (2013) mostra-nos um processo de constituição e manifestação da alma que nos torna permanentemente sujeitos e objetos de significação atribuída. E Jacobina não hesitaria em localizar no *olhar*, tal ação.

Seríamos nós reconhecidos apenas pelo que exteriorizamos? A natureza exterior de Jacobina precisava ser *alimentada* e tal fonte de vida não se fazia presente – vale lembrar que sentia-se vivo pelo olhar do *outro* em relação ao que parecia ser sua essência. Quando vestia a farda e percebia no *espelho* das “janelas da alma” sua *alma interior* tinha motivos para voltar à vida diária. Mas, por tamanha solidão e desespero diante do *silêncio vasto* percebeu que a contradição entre *o ser* e *o parecer* (ser aos olhos do outro) era de tirar-lhe o juízo das almas.

Diante do desespero em reconhecer-se, e do limite entre a abstração e a solidão da vida, Jacobina lembrou-se de buscar o desdobramento do sujeito entre corpo e consciência de si. *No fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois*.

Foi-se reconhecendo como forma e matéria desse olhar que vem de fora e encontra na imagem de si mesmo a perspectiva de quem nela se fundiu. A luz do espelho homenageia a farda e reinstitui o valor já consignado à identidade pessoal. (VILLAÇA, 3013, P. 113)

Desta forma destaca-se o momento em que o *ser* entra em contato com o outro – ainda que seja um reflexo, e transforma-se. Uma duplicidade de imagens para a confluência de *duas naturezas*. O conceito de duplicidade, dantes tratado na leitura para o conto *A terceira margem do rio*, está intrinsecamente ligado ao significado que se pode obter dos espelhos, pois representa um outro lado daquilo que deveria ser único. São fundamentalmente importantes para a configuração da identidade enquanto seres socialmente criados.

Após o estranhamento inicial de ver sua imagem ainda embaçada no vidro, Jacobina lembrou-se de vestir a farda de alferes. Depois de vesti-la, o vidro reproduziu então a figura integral. *Nenhum linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que chegava, enfim, a alma exterior*. Tinha estado dispersa com a ausência da tia, e a fuga dos escravos. Agora já não *era mais um autômato, era um ente animado*. Conseguiu viver com o reflexo de sua imagem como se fosse a presença de outros na casa. Jacobina percebe a importância que a sociedade dá àqueles dispostos a atender as exigências, como a busca da admiração para si. Compreende-se então o duplo como duas partes de uma pessoa, uma extensão do sujeito.

Considerações Finais

Apenas quem olha assim de olhos claros
Buscando a si mesmo no calmo da aguada
Verá com certeza além de uma imagem
Sua alma de campo no rio espelhada!
Alma de Espelho de Rio
Luiz Marengo

Os Espelhos/Rio expõem as duas almas dos espectadores, uma fusão entre o corpo e a consciência de quem ele representa. Uma vez que nem sempre a

aparente figuração revela o que está sendo construído no interior do sujeito, Jacobina encontra-se no *não-lugar* do discurso. Há uma medida entre o ideal e a representação dele diante do olhar do outro, e esta medida faz-se no processo de formação da subjetividade. Os contos mostram-nos uma contínua construção refletida na memória, e no que o “eu” do sujeito narrativo entende como um passo importante para a manutenção da vida.

Os autores João Guimarães Rosa e Joaquim Maria Machado de Assis construíram suas narrativas a partir de *moldes reais*. Uma constante análise social, sobre as mazelas de indivíduos criados para a sociedade, e pela sociedade. A memória dos personagens prolongada pelos anos constitui-se um marco recorrente nas três narrativas e sua utilização remete-nos ao reflexo do se foi. O tempo presente necessita da busca pelo passado para se configurar como criador da imagem futura. Ao se deparar com a própria imagem, reproduzida no espelho, o indivíduo percebe uma dualidade – se reconhece no que a sociedade devolve como em O espelho machadiano; ou busca uma imagem essencial como na contemplação de A terceira margem do Rio; ou relaciona-se com o que seria sua alma profunda carregada por imagens descompostas onde o caminho mais aceitável seria a fuga da visão de si próprio. Enquanto Jacobina procura por sua alma interior como meio de significação enquanto ser humano, o narrador anônimo de “O espelho” Roseano foge do que seria a essência – sua alma refletida é ameaçadora, ao ponto de desfazê-la em não imagem e poder conviver com a recomposição da relação entre essência e aparência.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Heloísa *Vilbena*. *Contribuição ao estudo de Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 1998.

ASSIS, Machado de. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994

_____. O Espelho. In: *Obras Completas* (Papéis Avulsos). Rio de Janeiro, W. M. Jackson, 1967.

BUHLER, Andréa de Moraes Costa. As margens do devaneio: uma análise do conto “*A terceira margem do rio*”. *Graphos*. João Pessoa, v. 8, n. 1, jan/jul. 2006.

FANTINI, Marli. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*. São Paulo: editora Senac, 2003.

HANCIAU, Nubia Jacques. *Entre-lugar*. Rio Grande do Sul: editora UFJF/EdUFF, 2010.

LIGOSKI, Priscila. *Imagens No Espelho*: Machado De Assis, Guimarães Rosa e José J. Veiga. *Estação Literária Londrina, Vagão-volume 8 parte B*, p. 181-191, dez. 2011.

NASCIMENTO, Edna Maria F. S.; LEONEL, Maria Célia. Frente a “*O espelho*” de Machado e de Guimarães Rosa. S. L: S.N, 2008.

OLIVER, Elide V. *A Terceira Margem do Rio - Fluxo do tempo e paternidade em Guimarães Rosa (com reflexões em Drummond de Andrade)* REVISTA USP, São Paulo, n.49, p. 114-125, março/maio 2001.

OLIVEIRA, Silvana. *Entre margens – uma leitura para o conto “A terceira margem do rio”*. *Revista de História Regional* 14(2): 82-103, 2009.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: editora da UNICAMP, 2012.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

ROSA, João Guimarães. “*A Terceira Margem do Rio*”, in: *Primeiras Estórias, Ficção completa*, vol. II, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995.

ROSA, João Guimarães. “*O espelho*”, in: *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Modernidade, identidade e cultura de fronteira*. In: Tempo social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993.

SILVA, Ignácio Assis. *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso*. São Paulo: Unesp, 1995.

VILLAÇA, Alcides. "O Espelho": Superfície e Corrosão. Machado de Assis em linha: Rio de Janeiro. v. 6, n. 11, p. 102-117, junho 2013.

Recebido: 02.10.2015 – **Aprovado:** 20.12.2015